

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
Produção Didático-Pedagógica

2010

VOLUME I

**FICHA PARA CATÁLOGO**  
**PRODUÇÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA**

Título: <b>CONTOS POPULARES: histórias de ontem, de hoje e de sempre</b>	
Autor	IRACI KNESEBECK FOGAÇA
Escola de Atuação	COLÉGIO ESTADUAL JOÃO XXIII
Município da escola	IRATI-PR
Núcleo Regional de Educação	IRATI
Orientador	MS. SOELY BETTES
Instituição de Ensino Superior	UNICENTRO
Disciplina/Área (entrada no PDE)	LÍNGUA PORTUGUESA
Produção Didático-pedagógica	UNIDADE DIDÁTICA
Relação Interdisciplinar	HISTÓRIA
Público Alvo	ALUNOS DA 7ª série/8º ano do ENSINO FUNDAMENTAL
Localização	COLÉGIO ESTADUAL JOÃO XXIII. ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E PROFISSIONAL RUA SANTA CATARINA, 260 VILA SÃO JOÃO – IRATI-PR
Apresentação:	<p style="text-align: center;">Este Material Didático está alicerçado na concepção da linguagem que se realiza nos gêneros, nos processos de leitura como um ato dialógico, consiste em uma Unidade Didática, a qual, a partir do gênero discursivo contos populares, apresenta aos professores, embasamento teórico e metodologias alternativas para as suas práticas pedagógicas. Objetivando contribuir para a</p>

formação de um aluno que domine os caminhos da linguagem para se tornar um leitor/produtor crítico, buscando o domínio das práticas discursivas: leitura, oralidade e escrita, e, assim ser proficiente nas escolhas de linguagem que possam atender seus objetivos de comunicação.

Esta Unidade Didática apresenta uma fundamentação teórica acerca da necessidade da competência leitora para a cidadania, de um ensino que se realiza nos gêneros, na abordagem do gênero discursivo contos populares e os aspectos que os constituem no contexto histórico. Explica a estrutura de uma Sequência Didática e apresenta estratégias de leitura ancoradas em Solé e Menegassi. Na segunda parte, traz sugestões de atividades alicerçadas nas Sequências Didáticas, sistematizadas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 83) “as quais têm finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada, numa dada situação de comunicação”.

Palavras-chave

Estratégias de leitura, contos populares, produção escrita



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**  
**SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE**  
**NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE IRATI**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO**  
**ÁREA: LÍNGUA PORTUGUESA**

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

**PROFESSORA PDE:** Iraci Knesebeck Fogaça

**PROFESSORA ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> MS. Soely Bettet

**ÁREA:** Língua Portuguesa

**IES VINCULADA:** UNICENTRO

**ESCOLA DE IMPLEMENTAÇÃO:** Colégio Estadual João XXIII – Ensino Fundamental, Médio e Profissional – Irati-PR

**PÚBLICO OBJETO DA INTERVENÇÃO:** 7<sup>a</sup> série/8<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental

**TEMA DE ESTUDO:** O ensino das estratégias de leitura e produção escrita a partir dos gêneros discursivos

**NRE:** Irati

“Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular. O conto é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação.”

(Luís da Câmara Cascudo)

## UNIDADE DIDÁTICA



Fonte da autora

**CONTOS POPULARES:**  
histórias de ontem, de  
hoje e de sempre

*Professora PDE: Iraci Knesebeck Fogaça iraknesebeck@yahoo.com.br*

*Professora Orientadora: Ms Soely Bettes*

*IES: UNICENTRO*

*Área: Língua Portuguesa*

*NRE: Irati*

Práticas discursivas com o gênero **CONTOS POPULARES:**  
histórias de ontem, de hoje e de sempre

## APRESENTAÇÃO

Com tantas informações que veiculam nos meios de comunicação e da infinidade de textos que circulam socialmente, o domínio da linguagem é condição essencial para o acesso ao conhecimento, e, a sociedade atual, exige, cada vez mais, a formação de leitores críticos. Percebe-se, pois, que a discussão acerca da competência leitora dos nossos alunos é um dos assuntos do âmbito escolar, mais comentados na mídia. Por isso, a escolha do tema de estudo “o ensino das estratégias de leitura e da produção escrita a partir dos gêneros discursivos” para o Projeto de Intervenção Pedagógica e para a elaboração do Material Didático.

Partindo da concepção sociointeracionista de uma linguagem que se efetiva nas diferentes instâncias sociais, do caráter dialógico da língua, tem, como conteúdo estruturante o *Discurso como prática social*.

Pensando na prática docente sob essa perspectiva, é que a proposta deste Material Didático foi idealizada. Esta Produção Didático-Pedagógica consiste numa Unidade Didática, e, a partir do gênero discursivo *contos populares*, objetiva, oferecer, a você, professor, embasamento teórico e metodologias alternativas para a sua prática pedagógica.

Esta Unidade Didática parte da fundamentação teórica de um ensino que se realiza nos *gêneros*, na abordagem do gênero discursivo contos populares, e os aspectos que os constituem no contexto histórico. Em seguida, apresenta

embasamento teórico para a elaboração de uma Sequência Didática e para aplicação estratégias de leitura, ancoradas em Menegassi e Solé. Na segunda parte, traz sugestões de atividades alicerçadas nas Sequências Didáticas, sistematizadas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 83), as quais têm “finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada, numa dada situação de comunicação”. Por isso, a importância de planejar uma sequência de atividades com objetivos determinados, preparando o aluno para o uso da língua, nas mais diversas situações sociais.

A presente Unidade Didática objetiva contribuir para a formação de um aluno que domine os caminhos da linguagem para se tornar um leitor/ produtor crítico, buscando o domínio das práticas discursivas: *leitura, oralidade e escrita*, e, assim, ser proficiente nas escolhas de linguagem que possam atender seus objetivos de comunicação. É um material de apoio, que não está completo, mas é parte de um diálogo: e, você, professor, é que aceita ou não as propostas aqui presentes, modifica, transforma, acrescenta com sua experiência, adapta de acordo com as necessidades linguístico-discursivas de seus alunos.



## A leitura em nossa vida

A prática da leitura está presente em nossas vidas desde que começamos a compreender o mundo à nossa volta. Lemos sem nos darmos conta, na busca constante de entender e decifrar o sentido de tudo o que nos cerca, de relacionar a realidade ficcional com o que vivemos. No contato com os livros, enfim, estamos sempre lendo. “A leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções” (JOUVE, 2002, p.17).

Ler não corresponde somente ao exercício de decodificar sinais e códigos. É muito mais. A leitura ultrapassa a atividade visual. É a interpretação, o questionamento, a crítica que se faz ao ler, a cultura que se adquire a partir do discurso escrito. É uma atividade complexa que faz exigências ao intelecto e às habilidades cognitivas da mente. “A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, das múltiplas culturas e, nesse sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura do próprio leitor” (SOLÉ, 1998, p. 46).

Quando lemos, ampliamos os horizontes e nos transportamos ao mundo da imaginação, sem contar os muitos conhecimentos que acabamos adquirindo, quando mergulhamos em universos desconhecidos. Portanto, o ato de ler é imprescindível ao indivíduo, pois proporciona a inserção do mesmo na sociedade e o caracteriza como cidadão participante. Silva (2000, p. 42) afirma: “Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do ser humano”. E, ainda:

[...] a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender o seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz. (SILVA, 2005, p. 24)

Faz-se necessário, então, que a leitura passe a fazer parte do dia a dia das pessoas e, principalmente, no cotidiano escolar: **é preciso sentir a necessidade de ler**. Essa busca pela leitura deve ser suscitada por diversos desafios: querer conhecer, apropriar-se dos bens culturais guardados pela escrita, desvendar outros mundos, buscar outras leituras. São desafios que podem dar

prazer, aumentar repertórios cognitivos, fazer sonhar, ajudar a ler e a entender melhor o mundo.

## E na realidade, como está a capacidade de leitura de nossos alunos?

Observa-se que neste mundo globalizado, onde as mudanças são constantes, as informações se disseminam na mesma velocidade que se transformam, e os textos verbais e não verbais, estão por toda parte, por isso é essencial que nossos alunos tenham boas estratégias de leitura e principalmente, que compreendam o que leem.

Diante das transformações da sociedade e de uma infinidade de textos que circulam por toda parte, constata-se que o desempenho dos nossos alunos quanto ao desenvolvimento das capacidades leitoras, tem-se mostrado insatisfatório e preocupa a maioria dos professores. Diferentes instrumentos de avaliação como PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), SEAB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), Prova Brasil e outras apontam várias dificuldades dos alunos, como: localizar informações inferidas no texto, reconhecer a ideia principal, compreender as relações e construir sentidos, fazer comparações ou conexões entre o texto, não fazer relações entre as informações recebidas, ter dificuldades de interpretar e de posicionar-se criticamente diante do que lê.

Essa preocupação com a capacidade leitora dos alunos está diretamente relacionada com a certeza de que, na sociedade atual, o domínio dessa competência é imprescindível, exigindo a formação de leitores críticos, capazes de relacionar textos, contextos e experiências, identificar ideias e valores, posicionar-se sobre eles e, também, produzir textos que atendam as suas necessidades de comunicação.

Por ser indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem dos nossos educandos, é que a leitura tem conquistado papel de destaque, principalmente nas discussões em torno da aprendizagem da língua materna, visto

que ela permite aos alunos integrar nas práticas sociais de linguagem, sobre as quais afirmam Dolz e Schneuwly (2021, p. 44) “são consideradas aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso da história. Numa perspectiva interacionista, são a uma só vez, o reflexo e o principal instrumento de interação social”.

Considerando que muitos educandos apresentam dificuldades de compreensão leitora e também de produção escrita, cabe, então, à escola oportunizar diferentes práticas sociais de leitura e escrita. E, assim, numa ação contínua de capacitação de leitores e de produtores de textos ao longo da vida escolar, garantir aos educandos o acesso ao conhecimento e à formação de um leitor/produzidor crítico de textos, isto é, aquele que transforme o conhecimento obtido a partir da leitura.

Por isso, nos diferentes campos que abrange o ensino da Língua Portuguesa, em virtude de suas variadas práticas de linguagem, pode participar ativamente no processo de construção das capacidades de leitura e de produção de texto. Então, numa abordagem sociointeracionista, para o ensino das práticas discursivas- leitura, escrita e oralidade - o professor como mediador de uso social da fala, da leitura e da escrita, em diferentes gêneros discursivos e variadas linguagens, deve permitir que essas práticas façam parte do cotidiano dos alunos. Logo, para o planejamento das práticas discursivas, as DCEs (2008, p. 55) orientam que:

A ação pedagógica referente à linguagem, portanto, precisa pautar-se na interlocução, em atividades planejadas que possibilitem ao aluno a leitura e a produção oral e escrita, bem como a reflexão e o uso da linguagem em diferentes situações.

## Os gêneros discursivos no ensino da Língua Portuguesa

Atualmente, a característica do ensino da Língua Portuguesa assume a concepção de linguagem como a interação que se realiza nos gêneros, apontando para um estudo mais funcional, centrado no estudo do texto, nos processos de leitura em uma nova metodologia, do ensino da linguagem voltado para o trabalho

de análise linguística. Muitos estudos foram e continuam sendo desenvolvidos nesse ramo do conhecimento, entre os mais atuais estão os estudos do teórico russo, Mikhail Michailovicht Bakhtin, os quais deverão, também, orientar na elaboração deste material didático. Baseando-se nos estudos de Bakhtin, a língua deve ser vista como uma atividade que se realiza historicamente entre sujeitos, num espaço de interação entre os mesmos, num conjunto de práticas sociointeracionais, orais e escritas.

Para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive, de uma maneira mais ampla, é muito importante um contato maior com a linguagem, nas diferentes esferas sociais, isto porque, mais serão as possibilidades de se entender o texto, seus sentidos e suas intenções. Partindo dessa concepção, sugere-se um trabalho pedagógico que priorize os *gêneros discursivos*, que são fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social e contribuem para gerenciar as atividades comunicativas do cotidiano, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Afirma Bakhtin (2003, p. 262):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se, à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Em consonância com a concepção sociointeracionista de linguagem, o gênero discursivo deve ser o objeto de ensino-aprendizagem da língua materna. As situações do ensino da língua precisam ser organizadas considerando o texto como unidade básica do ensino e a diversidade de gêneros que circulam socialmente, assim como suas características específicas. No trabalho com a língua, propõe-se utilizar o texto como instrumento pelo qual se faz interação com as práticas sociais e as atividades de linguagem. “O estudo da língua que se ancora no texto extrapola o tradicional horizonte da palavra e da frase” (DCEs, 2008, p. 60). Para Bakhtin, os textos produzidos pela sociedade são constituídos por três aspectos básicos: o tema, o modo composicional (estrutura) e o estilo (aspectos linguísticos). Para ele, também, quem fala, sobre o que fala, com quem e com quais finalidades são fatores

que determinam o uso do gênero discursivo adequado para cada situação. Rossi (2002, p. 30) destaca:

Cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Como? Por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, pertinente, à sua produção escrita e circulação social.

O trabalho com os gêneros discursivos torna-se indispensável, pois propicia ao aluno, a análise crítica do conteúdo do texto, sua ideologia, a seleção dos conteúdos específicos, seja na produção escrita ou oral, partindo sempre das práticas de leitura que explorem discursivamente o texto. “O aprimoramento das competências linguísticas dos alunos acontecerá com mais êxito se lhe for dado conhecer, nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos” (DCEs, 2008, p. 53). Pois, eles são instrumentos para que o homem possa atuar na sociedade por meio da linguagem, sua existência depende das necessidades de comunicação e das muitas possibilidades de interação que possam surgir. Quando os alunos aprendem a analisar e a usar os gêneros que circulam na sociedade, desenvolvem e ampliam suas competências linguísticas e discursivas. Portanto, é preciso considerar o *Discurso* como prática social e levar em conta a necessidade de tornar nossos educandos proficientes leitores e produtores de texto.

## O gênero discursivo “contos populares”

A concepção de linguagem que orienta nossa prática pedagógica com a língua é a do sociointeracionismo, onde a linguagem é uma necessidade do homem para se organizar socialmente, para trocar experiências, para interagir com outras pessoas e para produzir conhecimentos. Partindo dessa concepção, sugere-se um trabalho pedagógico que priorize os gêneros discursivos “contos populares”, propiciando ao aluno a análise crítica do conteúdo do texto, sua ideologia, a seleção dos conteúdos específicos, a situação de produção, a finalidade, o gênero ao qual pertence e as marcas linguísticas, seja na prática da leitura ou de produção escrita.

“Busca-se, na análise linguística, verificar como os elementos verbais (os recursos disponíveis da língua), e os elementos extra-verbais (as condições e situação de produção) atuam na construção do sentido do texto” (DCEs, 2008, p.60).

Portanto, na perspectiva do gênero discursivo contos populares buscar-se-á fazer uma análise dos aspectos socio-históricos da situação enunciativa, sua finalidade, seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivo(s) , as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua- composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

As DCEs (2008, p. 100) apresentam o gênero discursivo “conto” como sendo da esfera social de circulação do cotidiano. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 102), nos domínios sociais de comunicação, o conto apresenta-se na ordem de narrar, fazendo parte da cultura ficcional.

Há muito tempo, o conto é uma das modalidades narrativas que acompanha o homem. De acordo com Simonsen (1987, p. 6), “O conto é, pois, um relato em prosa de acontecimentos fictícios e dados como tais, feito com finalidade de divertimento”. Já para Kaufman e Rodriguez: (1993, p. 21), “O conto é um relato em prosa de fatos fictícios”. Pode-se dizer que conto é um texto narrativo, curto, que procura deleitar, entreter ou educar o leitor ou ouvinte.

Por que a escolha do gênero textual “contos populares”? Por ser um dos mais antigos gêneros da tradição popular, e por estarem presentes na formação cultural do povo. A proposta é, a partir deles, estimular no aluno o gosto pela leitura, fazendo-o compreender que o ato de ler é um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos relativos ao mundo exterior. A leitura pode se constituir também em um poderoso instrumento para o autoconhecimento, isto porque, as pessoas não leem um texto da mesma maneira. Há muitas intenções de leitura suscitadas por desafios diversos. Desafios estes que podem gerar prazer, estimular novos repertórios, desvendar mistérios, dar asas à imaginação, ajudar a ler, a ver e a entender o mundo.

Aliando a preocupação com a prática da leitura no cotidiano escolar e os múltiplos valores que a literatura apresenta, é importante revitalizar a capacidade de mergulhar na atmosfera da fantasia e melhor compreender as histórias que fazem parte da cultura popular.

## A história nos conta...

Os contos populares fazem parte de um riquíssimo universo cultural. A sua origem é humilde. Nasceram entre o povo anônimo. Começaram por relatos simples de situações imaginárias. São criações que sobreviveram e se espalharam devido à memória de seus narradores que, de geração em geração, conseguiram manter viva a tradição. Segundo Darnton (1986), essas narrativas são histórias que se prendem ao imaginário popular ou à imagem coletiva; em sua origem, eram destinadas a um auditório – homens, mulheres e crianças – que não sabia ler e que se reunia, à noite, ao redor das fogueiras e lareiras, principalmente entre os camponeses da França Medieval, para escutar o que viria a se tornar mais tarde, material registrado por estudiosos e folcloristas, como Charles Perrault, quando, no século XVII, publicou a primeira coletânea dos contos populares franceses. Portanto, segundo Darnton, os contos populares podem ser considerados documentos históricos, que surgiram ao longo de muitos séculos, e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais.

No início do século XIX, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, na Alemanha, foram pioneiros em defesa da preservação das histórias populares que, por vários anos, recolheram contos, lendas e mitos. A antologia de Contos de Fadas (dois volumes, 1812 e 1815) reúne histórias como Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, as quais perduram até hoje. A coletânea dos irmãos Grimm inaugura a coleta científica dos contos populares.

O trabalho dos irmãos Grimm foi tão significativo que no mundo todo, começaram os estudos e a coleta das histórias do imaginário popular. Hans Cristian Andersen publicou contos na Dinamarca (1835). A partir de 1890, Joseph Jacobs reuniu histórias na Inglaterra, Irlanda e Índia. Em Portugal, Adolfo Coelho (1879), Teófilo Braga (1883) e Consighieri Pedroso (1910) apresentaram as suas antologias de contos populares.

No Brasil, Sílvio Romero lançou, em 1885, *Contos Populares do Brasil*, pois sentiu a necessidade de preservar as histórias da cultura popular. Romero coletou os mais diversos contos, em várias regiões brasileiras. Esses contos foram se modificando ao longo da formação do povo brasileiro, recebendo contribuições, principalmente, dos portugueses, dos africanos e dos nossos indígenas. Karin Volobuef, grande pesquisadora da literatura do século XIX, dos contos de fadas e

da narrativa popular, ao escrever o prefácio, para o livro *Contos Populares do Brasil*, seleção de Sílvio Romero, diz que o autor aliou amplos conhecimentos filosóficos, científicos e estéticos e apoiando-se nas ideias mais avançadas do seu tempo, assim:

dividiu sua antologia segundo critérios étnicos: as narrativas de origem portuguesa, as de fonte africana e as geradas pelos indígenas. Seu trabalho busca fazer um mapeamento dos aportes recebidos pelo povo brasileiro para, a partir daí, chegar a uma noção mais nítida acerca das forças que confluíram para a composição intelectual de nossa gente. (VOLOBUEF, in ROMERO, P.12-13, 2008)

Destacam-se, também, os trabalhos de brasileiros como, Lindolfo Gomes, que lança, em 1918, seus *Contos Populares do Brasil*. E, em 1946, datam os *Contos Tradicionais do Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo, autor de uma longa lista de livros, e traz em suas obras muitas informações sobre os contos populares com os respectivos contextos históricos e culturais. Cascudo (2003, p. 13), grande estudioso das histórias populares, afirma: “O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social”. Ainda, para o autor, o que caracteriza o conto popular é a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência. “É preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omisso nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo.” Leal (1985, p. 12) também destaca as mesmas características: “a antiguidade, o anonimato de autoria, a capacidade de resistir no tempo e o processo de divulgação”.

Os contos populares são fruto da oralidade e do espírito criador do povo. Transmitidos de geração em geração. Expressam costumes, ideias, decisões, explicações, julgamentos, revelam a memória e a imaginação popular. É um tipo de texto que tem relação com a cultura de um povo. Nele são retratados aspectos culturais de um determinado grupo. Para Leal (1985, p. 12): “O conto popular é uma expressão que pertence a este contexto de sonho e fantasia, de magia e de mistério; ele é a parte da fala do povo, um canto harmonioso dirigido ao mistério das coisas”. Tem a função de preencher os tempos de lazer, mostrar modelos de



comportamento, transmitir os valores próprios de uma sociedade. Portanto, os contos têm função de entretenimento e de educação.

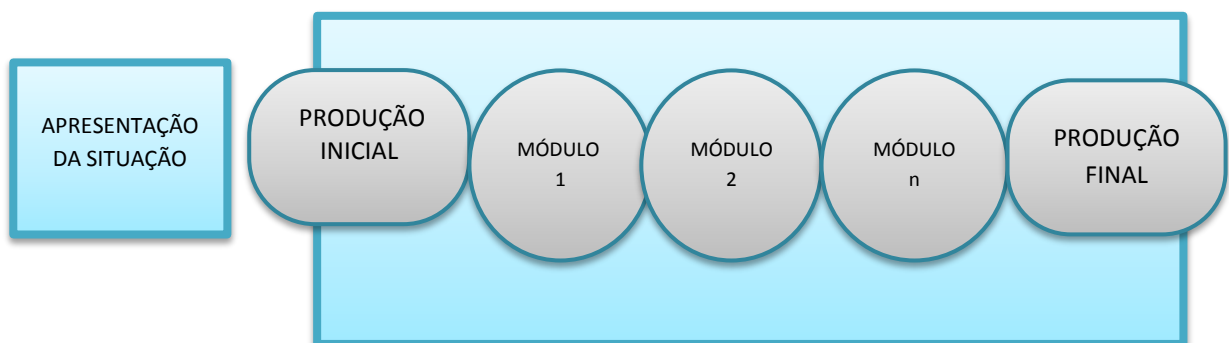
O importante é reconhecer o conto popular como parte da cultura de um povo. E, para que se conheça um pouco mais do povo brasileiro, um mergulho no mundo desses contos torna-se indispensável. Possibilitando, assim, o acesso ao universo mítico e surpreendente, com objetivo de inserir, no contexto escolar, a leitura desse gênero discursivo como objeto para o desenvolvimento do leitor proficiente, contemplando, também, as práticas da oralidade, escrita e análise linguística.

## Entendendo a *SEQUÊNCIA DIDÁTICA* para o ensino de gêneros discursivos

Os textos diferenciam-se uns dos outros, sejam orais ou escritos, porque são produzidos em diferentes situações. Por isso, o objetivo da Sequência Didática (SD) é ajudar o aluno a dominar melhor um gênero, permitindo-lhe escrever ou falar mais adequadamente numa determinada situação de comunicação. É oferecer ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas para a produção de um gênero. Com base num gênero discursivo, organizam-se, de maneira sistemática, as atividades pedagógicas.

Para sistematizar o trabalho com os gêneros, Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010) apresentam as Sequências Didáticas (SD) que são um conjunto de atividades organizadas em torno de um gênero oral ou escrito.

Para organizar esse trabalho, os autores apresentam um esquema da estrutura de base de uma SD:



(DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2010, p.83)

Para entender melhor esta estrutura:

**a) Apresentação da situação:** apresentar o problema, a situação, a proposta, preparar os conteúdos que serão produzidos, informando ao aluno o projeto que se tem em mente e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado.

**b) Produção inicial:** os alunos devem elaborar um texto oral ou escrito e “revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm dessa atividade”. Afirma Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 87):

Assim, a sequência começa pela definição do que é preciso trabalhar a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos que, apropriando-se dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero, estarão mais preparados para realizar a produção final.

**c) Módulos de atividades:** são as atividades elaboradas para trabalhar os problemas que apareceram. O importante é trabalhar nesses módulos as capacidades necessárias para o domínio do gênero escolhido.

**d) Produção final:** finalizar a SD com uma produção final, permitindo que o aluno coloque em prática as noções e os instrumentos elaborados nos módulos.

## APLICANDO AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO GÊNERO DISCURSIVO “CONTOS POPULARES”

O desenvolvimento da atividade da leitura deve estar sempre relacionado a algum propósito que, com o tempo, os próprios alunos sejam capazes de pontuar os objetivos de leitura que lhes interessem, e de acordo com o que for mais adequado para cada situação.

Por isso, nenhuma atividade de leitura deve ser iniciada sem que haja uma motivação para ela, um propósito. O aluno precisa conhecer os objetivos pretendidos para tal ação, quais recursos serão utilizados e a possibilidade de pedir e receber a ajuda que necessitar no percurso do ato de ler. Oferecer aos alunos certos desafios, contribuindo para o interesse pela leitura. Antunes (2003, p. 77)

reforça: “A leitura envolve diferentes processos e estratégias de realização na dependência de diferentes condições do texto lido e das funções pretendidas com a leitura”.

Menegassi (2005, p. 77) comenta que “estratégias são procedimentos conscientes ou inconscientes utilizados pelo leitor para decodificar, compreender e interpretar o texto e resolver os problemas que encontra durante a leitura”.

O ato de ler é um processo de interação entre o leitor e o texto, relacionando-o com outros textos, atribuindo-lhe a sua significação. Quem lê deve ser capaz de questionar a sua compreensão, relacionar o que lê e o que já faz parte do conhecimento pessoal. Questionar esse conhecimento e modificá-lo, transferir o que aprendeu para contextos diferentes. Por isso, é interessante a elaboração de estratégias de leitura, que envolvem a presença de objetivos a serem atingidos e o planejamento de ações que se desencadeiam para atingir tais objetivos. Propor um trabalho de leitura em que o texto seja lido, analisado, refletido e utilizado como meio para o desenvolvimento da leitura e a formação de um leitor competente.

De acordo com Menegassi (2005, p. 79), “São quatro estratégias fundamentais para realizar a compreensão, a serem desenvolvidas nos alunos, para o trabalho em todos os textos: *seleção, antecipação, inferência, verificação*”. Essas estratégias foram sistematizadas a partir de estudos em Psicolinguística, realizados por Godman (1987) e Smith (1991).

a) **Seleção**: Antes de começar qualquer leitura, o leitor faz uma seleção do que vai ler. Seleciona o que é importante, aquilo que é pertinente com seu objetivo de leitura naquele momento. Inicia-se o acionamento dos conhecimentos prévios

b) **Antecipação**: Após a leitura, o leitor faz um levantamento de hipóteses sobre o que virá adiante a partir do que já foi lido. É a antecipação do conteúdo onde o leitor cria hipóteses e previsões sobre os significados a partir das informações explícitas e implícitas constantes no texto. Essas antecipações podem ser ou não comprovadas pelo leitor. Porém, se não forem comprovadas, uma nova estratégia deverá ser adequada à leitura realizada.

c) **Inferência**: São as conclusões e mensagens abstraídas do texto, mas que não estão escritas literalmente. É uma ligação de sentido que o leitor cria com o texto lido, construindo uma nova informação, que nem o leitor conhecia, nem

existia no texto. São as complementações dadas pelo leitor para as informações que o texto traz, de acordo com os seus conhecimentos prévios.

d) **Verificação:** É a confirmação ou não das antecipações feitas e das inferências realizadas que se constroem no processo da leitura do texto.

Além dessas estratégias, o leitor também pode usar outras que lhe ajudem na compreensão de diferentes gêneros discursivos.

E, para propiciar ao leitor um trabalho mais eficiente na produção dos sentidos do texto, torna-se importante, também, conhecer as etapas que ocorrem antes, durante e depois da leitura, que permitem ao leitor dominar melhor o processo.

Vejamos, a seguir, essas estratégias de compreensão da leitura, segundo (Solé, 1998):

**a) Antes da leitura:** preparação para o encontro com o texto.

Se ler é um processo de interação entre o leitor e o texto, essa interação precisa ser a mais produtiva possível. Por isso, é muito eficaz o emprego de algumas estratégias, antes da leitura.

O primeiro ponto a destacar é a motivação e os objetivos para a tarefa da leitura, depois observar a ativação dos conhecimentos prévios necessários sobre o conteúdo do texto, definir um objetivo de leitura, por último, deve-se dar destaque à produção de previsões, aos questionamentos e à formulação de perguntas sobre o texto a ser lido. O professor como mediador do processo, deve despertar a curiosidade e incentivar o leitor para a leitura do texto, usando exposição oral, recursos audiovisuais, perguntas e respostas, e outros.

**b) Durante a leitura:** é o encontro com o texto, fase de questões de compreensão específicas do gênero.

Durante o processo da leitura, a maior parte da atividade do aluno, deve ser de compreensão da leitura. Que ele se mostre capaz de resumir o que lê. Faça previsões em relação ao texto lido e sobre o que ainda vai ler. Compartilhe e relacione informações, esclareça as dúvidas, discuta o texto e seu conteúdo e avalie o caminho percorrido e realize novas previsões. No processo da leitura, para Geraldini (2006, p. 92): “O diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, é também leitor, e sua leitura é uma das leituras possíveis”. Por isso, a função do professor nesse processo é de interlocutor presente que responde e

pergunta sobre questões levantadas durante o ato de ler, convocando cada leitor a dizer sua palavra.

Em todo o processo envolvido durante a leitura do texto, o professor se põe como mediador, servindo como modelo de ensino no processo de leitura aos alunos, a partir da exposição de como é o seu próprio processo. Assim, aluno, observando os procedimentos do professor, passa a produzir os seus, até alcançar um nível de competência que o caracteriza como leitor ativo. (MENEGASSI, 2005, p. 94)

**c) *Depois da leitura:*** para além do texto.

A partir da leitura realizada, um aspecto relevante é a necessidade de identificar a ideia principal do texto que confirma a compreensão do leitor. Também pode sublinhar as partes principais, grafar palavras importantes, resumir o texto, formular e responder perguntas, trocar impressões a respeito do texto lido.

Considerando que as estratégias de leitura são relevantes nas práticas com a linguagem, espera-se que os educandos possam a partir dos procedimentos trabalhados nos contos populares, transferi-los para situações de leituras múltiplas e variadas, ou seja, tornem-se leitores capazes de aprender, a partir dos textos.

Em todo o processo da leitura: antes, durante e depois, faz-se necessário que a compreensão seja uma habilidade ativa no leitor.

Cabe, portanto, ao professor conduzir o ato de ler, para que seus alunos possam ter uma referência determinante em leitura, tendo sempre a certeza de que:

[...] As estratégias de leitura são ensinadas para se auxiliar na formação de alunos leitores e competentes, que saibam manipular os textos da sociedade e consigam, a partir de suas leituras e produções de sentidos, tornarem-se cidadãos, compreender, interferir e alterar a sociedade à sua volta, para a construção de uma sociedade melhor. (MENEGASSI, 2005, p. 96)

## *SUGESTÕES DE ATIVIDADES*



Fonte da autora

*Contos populares: histórias de ontem,  
de hoje e de sempre*



Fonte da autora

# PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM BASE NA ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA TRABALHAR COM O GÊNERO DISCURSIVO “CONTOS POPULARES”

*Professor...*

*As sugestões de atividades a seguir deverão, primeiramente, se analisadas para verificar se estão adequadas aos objetivos estabelecidos em seu plano de ensino e, se necessário, adaptar as atividades de acordo com as necessidades linguístico-discursivas de seus alunos, com os objetivos pretendidos e a faixa etária dos educandos, favorecendo, assim, um resultado satisfatório para você e seus alunos. É um material de apoio que faz parte de um diálogo: e, você, professor, é que aceita ou não as propostas aqui presentes, modifica, transforma, acrescenta com sua experiência.*

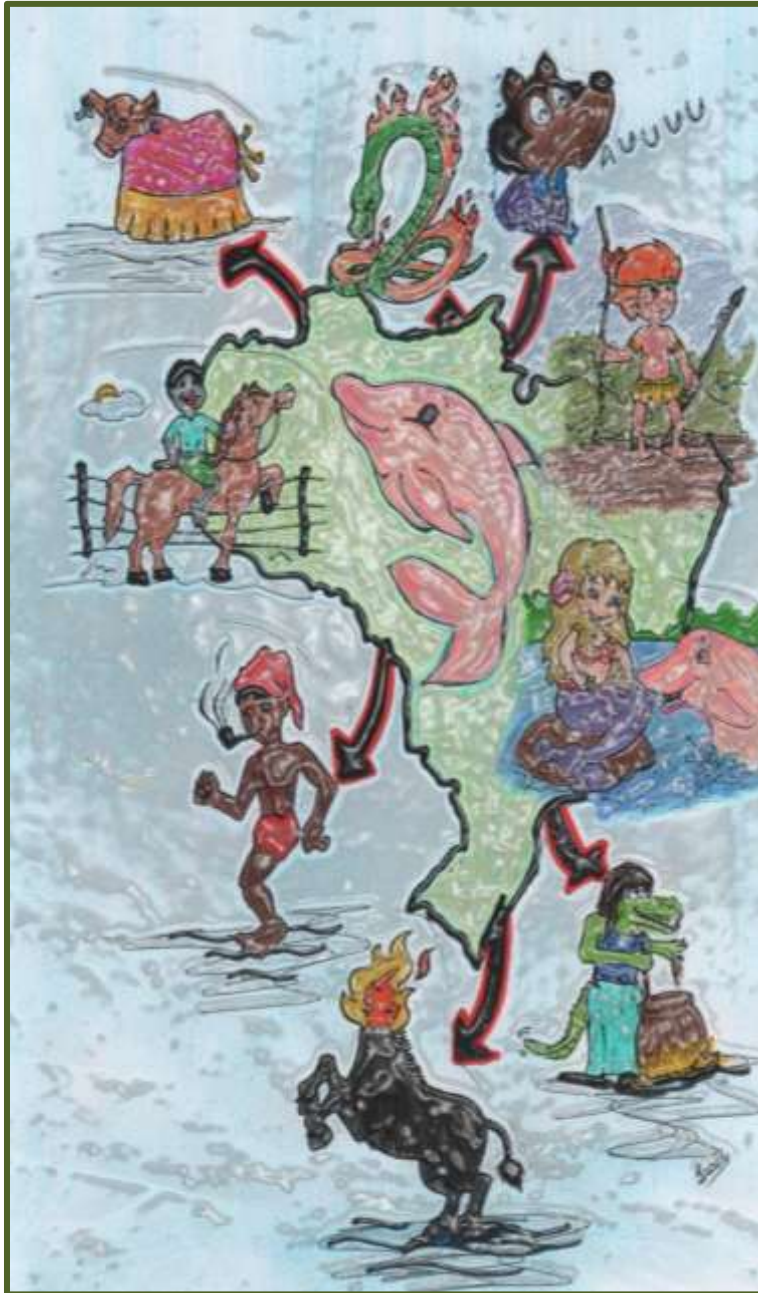
## APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO E SELEÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO

### **Atividade1**

**Objetivo:** *Explorar os conhecimentos dos alunos a partir de imagem.*

**OBSERVAÇÃO DE IMAGEM:** Dialogar, perguntar sobre os desenhos da imagem: Vocês conhecem? Quem são eles? O que representam? O que sabem sobre esses personagens?

Formar grupos de quatro alunos, distribuir uma folha com a imagem ou apresentá-la no *data show*, para que eles analisem, discutam sobre a imagem e, depois, escrevam o que sabem sobre os personagens do desenho.



FONTE da autora

Importante é explorar bem o conhecimento dos alunos a partir desses personagens.

Organizar a apresentação das conclusões dos alunos acerca das conclusões a que chegaram.

Fazer um levantamento dos personagens analisados: Quais personagens conhecem? De qual história fazem parte? De onde conhecem a história?...



Após essa sondagem continuar o questionamento para ver o que os alunos sabem dos contos populares: Quais contos conhecem? O que conhecem sobre cada um? Se já leram alguns desses contos, quais leram?

Registrar as sugestões apresentadas pelos alunos.

## RECONHECIMENTO DO GÊNERO CONTOS POPULARES

*Professor...*

*É importante que o professor conduza o ato de ler, para que os alunos tenham uma referência determinante em leitura.*

*Nas atividades de leitura a seguir, é importante aplicar as estratégias de compreensão da leitura, ancoradas em Solé e Menegassi (rever páginas 17 a 20).*

### **Atividade de leitura**

Escolher um conto popular já conhecido pelos alunos e outro desconhecido e levar para a prática da leitura aplicando as estratégias de leitura. Em seguida, fazer questionamentos sobre os textos lidos.

Sugestão: O Saci Pererê, de Silvana Salerno e A moça e a vela, de Luís da Câmara Cascudo.

### **Atividade 2**

## **O que é conto? E conto popular?**

**Objetivo:** *Entender o que é conto e conto popular.*

Apresentar para os alunos o recorte do texto:

### O conto se apresenta...

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, de Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe, o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

[...]

O texto na íntegra está em:

SCLIAR, Moacir. **Era uma vez um conto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. Coleção Literatura em minha casa.

*Explorar o recorte do texto e, se possível, o texto na íntegra.*

*O texto é narrado em 1ª pessoa. O personagem é o conto. Ele vai falando de sua história ao longo do tempo, de como as pessoas inventavam histórias para explicar alguma coisa, da importância da imaginação e da inspiração das pessoas para escrever um texto, cita alguns contistas.*

## *Mas, o que é um conto? E conto popular?*

### **Professor**

Após a apresentação do recorte do texto de Moacir Scliar, fazer o questionamento com os alunos e explicar o que é um conto com base no texto a seguir, e, também o que é um conto popular, com base nas informações da fundamentação teórica sobre contos populares. (Rever páginas 12 a 16). Se achar necessário, pode elaborar um texto informativo sobre o assunto e distribuir para os alunos ou montar slides para melhor explicação do conteúdo, pois é importante que o aluno conheça o histórico dos contos populares.

---

### **O significado da palavra conto**

A palavra conto deriva do latim *computus* (inicialmente, significava enumerar objetos, mas com o tempo passou, metaforicamente, a enumerar acontecimentos); ou do latim *contus*(vara, haste, ponta de lança); ou do grego *kontós*(bastão). Há, também, a derivação do latim *commentum* (invenção, ficção). As diferentes etimologias apontam algumas características próprias do conto, sua antiguidade, os aspectos ficcionais, as transformações históricas.

- a) *Após a explicação, pedir aos alunos que elaborem uma definição sobre conto e conto popular, e registrar no caderno.*
- b) *Responder: por que é importante reconhecer e valorizar o conto popular?*

### Atividade 3

#### Um país, muitas histórias...

**Objetivo:** *Analisar o conhecimento prévio dos alunos a respeito dos contos populares.*

Em nosso país, há uma infinidade de histórias que circulam em todas as regiões e é difícil citar todas. Durante gerações essas histórias foram preservadas graças à tradição oral. Por isso uma narrativa tem versões diferentes. E, assim, contando e recontando mantemos essas histórias cheias de encantamento e que vão enriquecendo a cultura popular brasileira.

a) Observe os títulos dos contos populares a seguir, marque X naqueles que você conhece a história:

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> O Negrinho do pastoreio    | <input type="checkbox"/> Matinta-pereira              |
| <input type="checkbox"/> A moça que queria marido   | <input type="checkbox"/> A dança dos ossos            |
| <input type="checkbox"/> Um castelo no céu          | <input type="checkbox"/> Romãozinho                   |
| <input type="checkbox"/> Saci-pererê                | <input type="checkbox"/> O Uirapuru                   |
| <input type="checkbox"/> Cobra Norato               | <input type="checkbox"/> João Forçudo                 |
| <input type="checkbox"/> A princesa de Jericoacoara | <input type="checkbox"/> O menino negro               |
| <input type="checkbox"/> A loira do banheiro        | <input type="checkbox"/> A mula sem cabeça            |
| <input type="checkbox"/> Surpresa no jantar         | <input type="checkbox"/> A moça e a vela              |
| <input type="checkbox"/> O lobisomem                | <input type="checkbox"/> João Mata-Sete               |
| <input type="checkbox"/> A gulosa disfarçada        | <input type="checkbox"/> A mulher dengosa             |
| <input type="checkbox"/> A menina e a vela          | <input type="checkbox"/> A quase morte do Zé Malandro |

Obs: As histórias referentes aos títulos sugeridos encontram-se nos seguintes livros:

AZEVEDO, Ricardo. **Cultura da Terra**. São Paulo: Moderna, 2009.

\_\_\_\_\_, **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Global, 2003.

SALERNO, Silvana. **Viagem pelo Brasil em 52 histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

ROMERO, Sílvio. **Contos Populares do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Landy Editora, 2008.

b) Dentre as sugestões de títulos da questão anterior, escolha três que você gostaria de conhecer:

---

---

---

c) Fazer o levantamento de dois contos mais votados e apresentá-los para a turma numa atividade de leitura.

d) Escolher um conto popular e apresentá-lo para os alunos na forma de

### *Leitura dramática:*

**Sugestão:** *“Trapalhadas de Zé Bocoíó” em*

AZEVEDO, Ricardo. **Cultura da Terra**. São Paulo: Moderna, 2009, pp. 39-41.

#### **Atividade 4**

### **Histórias de ontem, de hoje e de sempre**

**Objetivo:** *Compreender e valorizar a influência de outros povos nos contos populares brasileiros.*

O Brasil é um país muito rico culturalmente, pois há muita gente, e gente que viaja de cá para lá, de lá para cá, levando na bagagem, sua cultura regional, suas tradições, seus costumes e, principalmente, as histórias que ouviram de seus amigos e familiares.

No fundo, a chamada cultura popular brasileira é formada por várias e várias culturas regionais (nunca esquecendo que numa mesma região convivem diversas culturas), nascidas, basicamente, a partir de tradições europeias, africanas e indígenas, espalhadas e misturadas pelo Brasil afora. (Ricardo Azevedo)

1. Leia o trecho do texto “Seres encantados que desembarcaram no Brasil”, escrito por Georgina da Costa Martins e entenda melhor como muitas histórias chegaram ao nosso país:

[...]

#### Abrindo a bagagem

Em Portugal, há 500 anos, um monte de gente acreditava em lobisomens e em mula-sem-cabeça e parte dessa gente veio para o Brasil. Aqui os portugueses começaram a contar histórias de sua terra e de sua bagagem cultural tiraram também outros seres fantásticos, como sereias, sacis, velhos-do-saco, bruxas, fadas, bicho-papão, papa-figos e muitos mais, que, aqui, assustaram e, ao mesmo tempo, embalaram o sono de muitas crianças.

Os negros trazidos da África pelos portugueses para serem escravos, além de muita tristeza e saudades de sua terra natal, trouxeram também, inúmeras histórias. Aliás, como eles foram capturados e obrigados a deixarem sua terra, não tiveram condições de arrumar seus pertences para a viagem. Mas ninguém pôde proibi-los de trazer suas crenças, suas histórias, seus hábitos e seus costumes, ou seja, a tal bagagem cultural.

Na imaginação dos viajantes, livres ou escravizados, veio toda sorte de crenças, mitos e lendas que aqui, em solo fértil, brotou e proliferou por todo o território. Com os portugueses vieram lobisomens, mulas-sem-cabeça e outros. Com os africanos vieram quibungo, chibamba e as histórias de animais.

Aí, você pode perguntar: e as histórias dos índios que já estavam aqui? Eu diria que os lobisomens e os quibungos encontraram-se com os mapinguaris, caiporas, curupiras e passaram a conviver em harmonia nas florestas e na imaginação dos brasileiros que iam nascendo, neste novo território, da mistura de europeus, africanos e índios.

[...]

Martins, Georgina da Costa. In: **Ciência hoje das crianças**, ano 13, n. 106. Rio de Janeiro: SBPC, setembro/2000.

Sugestão de atividade:

- a) Levantamento do vocabulário para melhor entendimento do texto.*
- b) Responda: Quais povos são citados no texto e, segundo a autora, são responsáveis pelo enriquecimento da nossa cultura? De que maneira cada um desses povos contribuiu para enriquecer essa bagagem cultural? Responda no caderno elaborando um pequeno texto.*

Conclusão

Transmitidas de geração em geração, e, assim, ao contar e recontar, criando e reinventando essas histórias, mantemos a memória atualizada, enriquecendo a cultura popular.

## Atividade 5

### Reconhecendo personagens de alguns contos



Fonte da autora

Objetivo: *Resgatar o conhecimento prévio dos alunos sobre alguns personagens da cultura popular.*

Será que alguma pessoa fica impassível, diante de histórias de boitatás, lobisomens, mulas-sem-cabeça, bruxas, seres estranhos...? São seres fantásticos que ensinam ao homem que é possível, usar a imaginação, viajar por caminhos e lugares fantásticos, conhecer personagens diferentes que ora amedrontam, ora seduzem, deixando nosso cotidiano mais leve, sedutor e prazeroso.

## Teste seus conhecimentos

Leia os textos descritivos e diga a que personagem da cultura popular corresponde cada definição:

A) Ser fantástico dos rios e dos mares. Canta e encanta os pescadores tentando enfeitiçá-los com o seu canto. Dizem que quem escuta esse canto, fica enfeitiçado. É metade mulher, metade peixe. Tem uma longa cabeleira dourada.

-----



B) Ser assustador. Metade lobo, metade homem. Pálido e magro. É o oitavo filho, depois de sete irmãs. Por isso, tem uma sina. Na 6ª feira, depois do aniversário de 13 anos, a maldição começa. Transforma-se em lobisomem pela primeira vez e sai nas ruas para percorrer os cemitérios, as vilas e as encruzilhadas.

---

C) É parecido com uma mula, mas não tem cabeça. Dizem que é uma mulher que namorou um padre e foi amaldiçoada. Sua maldição é galopar pelos campos, soltando fogo pelo pescoço e assustando os moradores.

---

D) É um menino negro, de uma perna só. Usa um gorriinho vermelho e fuma cachimbo. É muito travesso. Faz gozações, assusta as galinhas, quebra as louças, amarra a crina dos cavalos, assusta os viajantes. Faz muitas traquinagens, mas não é maldoso.

---

E) É um ser fantasioso do mal, que persegue os outros seres fantásticos, seres humanos e os bichos da fauna natural. [...] tem uma cara horripilante. Anda com roupas imundas e carrega um saco nas costas ou amarrado na cintura. (Samir Meserani, p. 17)

---

## SELEÇÃO DE TEXTOS DO GÊNERO

### Atividade 6

#### Um conto universal



Fonte da autora

**Objetivo:** *Reconhecer as características do lobisomem e evidenciar sua presença na cultura popular.*

As histórias mais populares no Brasil não são as mais regionais ou julgadas nascidas no país, mas aquelas de caráter universal, antigas, seculares, espalhadas por quase toda superfície da Terra. Na verdade, quanto mais universal um conto, mais popular será no país. (Guimarães, 2000, p.90)

Um dos seres mais populares do mundo é o lobisomem. É difícil saber de onde é originário. Há indícios de que suas origens se encontram na mitologia grega, porém sua história se desenvolveu na Europa e espalhou-se por várias regiões do mundo. Chegou ao Brasil através dos portugueses a partir do século XVI. É um dos personagens mais populares do mundo. No Brasil, a história tem muitas versões.

Leia os recortes do texto “**O lobisomem**”, de Samir Meserani:



Fonte da autora

## TEXTO A

### **O lobisomem**

O lobisomem é um ser fantástico assustador que, como o nome indica, é meio lobo, meio homem. Durante os dias da semana é um homem comum, magro, alto, de pele macilenta, com um olhar melancólico. Normalmente afável e calmo, de uma hora para a outra pode tornar-se irritadiço. De vez em quando dá longos suspiros como se fossem uivos silenciosos. E às sextas-feiras, precisamente à meia noite, esse homem se transforma. Adquire características de lobo: as orelhas crescem, surgem pelos espessos no rosto e no corpo, a boca se escancara mostrando dentes afilados. As mãos mais parecem patas

ou garras. Torna-se então perigoso para os outros animais, sobretudo para o homem.

[...]

Sexta-feira, da meia noite às duas da manhã, o lobisomem sai numa corrida barulhenta a atropelada para percorrer ou sete cemitérios, ou sete outeiros, ou sete encruzilhadas, ou sete vilas. Nas vilas, sítios e fazendas por onde ele passa, os moradores rezam e atizam os cães para persegui-lo, para afugentá-lo. Perto das casas plantam arruda e alecrim. Percorridos os sete lugares, ele retorna ao local de partida – onde há uma umburana, árvore frondosa na qual esconde sua roupa – volta à forma humana.

Conta a lenda que o lobisomem é o filho homem que nasce depois de sete filhas mulheres e só começa a se transformar a partir dos treze anos de idade. Trata-se de uma sina, de um triste destino. Mas que pode ser “curado”, desencantado. Para tanto, basta um ferimento, ainda que pequeno, que sangre, ou um tiro de bala untada em vela que ardeu numa missa.

[...]

MESERANI, Samir. **Os incríveis seres fantásticos**. São Paulo: FTD, 1993, p. 23.



Fonte da autora

**Fique sabendo!**

As histórias do lobisomem são muito antigas. Originaram-se na Grécia, passaram por Roma, estenderam-se para toda a Europa e depois para o mundo.

## TEXTO B

### Lobisomem



Fonte da autora

Conta a história que, quando uma mulher já tem sete filhas e engravida novamente, desta oitava gestação nasce um menino, essa criança está destinada a ser lobisomem.

O menino nasce normal, porém é sempre pálido, magro, tem olheiras profundas e orelhas grandes.

A maldição começa depois que ele completa 13 anos. Na primeira noite de 6ª feira, de lua cheia, quando toda família já está dormindo, o menino transforma-se num ser horripilante: metade lobo, metade homem e sai uivando pelas estradas do vilarejo, causando medo nas pessoas.

E a sina continua, em todas as 6ª feiras de lua cheia, ele se transforma, quando a claridade da lua invade o seu quarto. Aí ele sai para percorrer sete encruzilhadas. Por onde passa, provoca os cachorros, apaga as luzes das ruas, arranha as paredes das casas.

Antes do amanhecer, volta ao normal, e retorna para casa, sem lembrar de nada.

Dizem que para acabar com a maldição, é preciso que alguém bata forte na cabeça do lobisomem até sangrar. Mas, quem terá coragem para fazer isto?

(Texto escrito por Iraci Knesebeck Fogaça, inspirado nas histórias da tradição popular.)

Você pode encontrar outras versões deste conto em *sites*, livros, como por exemplo:

SALERNO, Silvana. **Viagens pelo Brasil em 52 histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010, p. 140.

<http://www.fabulasecontos.com.br/impressao.php?id=143>

<http://www.brasilecola.com/folclore/lobisomem.htm>

## APRENDENDO COM OS TEXTOS

Na sequência, há questionamentos que podem ser feitos aos alunos no processo de produção de sentidos, a fim de indicar alternativas de trabalho na leitura, produção e análise linguística:



### **Conteúdo temático**

1. Os textos falam de lobisomem, que é um ser universal. O que você conhece desse personagem?

2. Conhece alguém que já tenha visto um lobisomem? Se, sim, relate a história.
3. Como você imagina ser o lobisomem. Descreva-o.
4. Como os textos definem ser o lobisomem?
5. Como os textos descrevem o comportamento do lobisomem?
6. Além do lobisomem, que outros personagens da cultura popular você conhece?

***Contexto de produção e relação autor/leitor do texto***

1. Onde são veiculados esses tipos de textos?
2. Quem provavelmente lê esses tipos de textos?
3. Essas histórias são contadas há muito tempo? Explique
4. Você já tinha lido histórias de lobisomem? Quando? Onde?



***Arranjo textual/ construção composicional***

1. Os textos indicam quando os fatos aconteceram?
2. Nos textos lidos, o narrador participa dos fatos ou somente conta a história? Justifique a resposta com trechos dos textos.
3. Há descrição do lugar onde acontecem as histórias? A descrição do lugar é importante para que o leitor compreenda o que aconteceu? Justifique.
3. A imagem que acompanha o texto B contribui para a produção de sentido?
3. Em que outro texto essa imagem texto poderia ser usada?





### **Marcas linguístico-enunciativas**

1. Nos textos há expressões que indicam tempo, como por exemplo: era uma vez, às sextas-feiras. Destaque-as nos textos.
2. Destacar nos textos, as palavras, cujo significado é desconhecido. Usar o dicionário para fazer o levantamento do vocabulário.
3. No texto **A**, qual palavra é usada para reforçar que a transformação ocorre à meia-noite?
4. De acordo com o texto **A**, no 2º parágrafo, por quanto tempo o lobisomem sai numa corrida barulhenta? Qual é o seu objetivo nessa corrida barulhenta?
5. Quando o lobisomem volta ao normal?

Texto **A**:

**Texto B:**

7. Leia o recorte do texto de Samir Meserani:



[...]

*É difícil saber de onde o lobisomem é originário. O maior estudioso dos seres fantásticos do Brasil, o folclorista Câmara Cascudo, afirma que se trata de um bicho universal, encontrável em todos os países. E em cada um ele recebe um nome diferente: licantropo (Grécia), versiópélio (em Roma)... [...]*

- a) Quem escreve esse tipo de história?

b) Por que Cascudo afirma que o lobisomem é um bicho universal?

**Pesquisa:** Como o lobisomem é conhecido em outros países? E, no Brasil, como ele também é chamado?

8. Agora é a sua vez! Após as leituras realizadas e o seu conhecimento sobre esse ser universal, escreva um texto sobre o lobisomem. Pode ilustrá-lo também.

### Atividade 7

## Características dos contos populares

**Objetivo:** *Reconhecer as características dos contos populares.*

Os contos populares são narrativas da tradição oral que mostram os costumes e julgamentos do povo. Uma característica bem frequente nos contos populares é a presença de seres com poderes sobrenaturais, feitiços, metamorfoses, objetos mágicos, crendices, maldições, como já vimos nos textos sobre o lobisomem. Mas, também há outras características, como, por exemplo:

- a) É uma narrativa curta, tanto em extensão quanto no tempo.
- b) A linguagem é simples e direta, sem emprego de palavras polissêmicas.
- c) Envolve poucos personagens, os quais são limitados apenas a serem bons ou más, pobres ou ricos, bonitos ou feios.
- d) Quase não existe a descrição de ambientes, se há, é breve. O espaço é vago: por exemplo, num povoado, na floresta, num lugar distante.
- e) Não é especificado o momento histórico em que o fato aconteceu e muitas expressões de tempo remetem ao tempo do imaginário e não ao tempo real. Ex. Certa manhã, era uma vez, um dia, há muito tempo...
- f) Muitas vezes, mantém as características do modo de falar das pessoas da região de onde o conto é proveniente.
- g) Tem a função de transmitir valores de uma sociedade.
- h) Uma pessoa comum tem contato com um ser com poderes sobrenaturais, feitiços, maldição, encantamento... Benefícios são oferecidos em razão desse contato.

Ainda é imposta alguma condição para que esses benefícios sejam dados ou mantidos.

Leal (1985, p. 23) destaca algumas características:

Conto popular: é uma narrativa tradicional que tem por herói, seres humanos; sua forma é solidamente estabelecida e nela os elementos sobrenaturais ocupam posição secundária. Não se refere a temas sérios ou reflexões filosóficas profundas. Seu principal atrativo consiste na própria narrativa.

Portanto, observa-se que não há características fixas para os contos populares, devido à liberdade que os escritores têm de criar novas características aos contos que produzem.

### Estrutura dos contos

**A construção dos contos populares é praticamente fixa:**

a) **Situação inicial:** anunciam-se os personagens e o ponto de partida da história.

b) **Acontecimento perturbador:** há uma perturbação de ordem inicial, um desequilíbrio.

c) **Desenvolvimento dos fatos:** os fatos se desenvolvem até o momento em que se resolve toda a perturbação.

d) **Situação final:** restabelece-se a ordem que se tinha no início da história. O final do conto tem sempre um objetivo de ensinamento.

---

### Elementos da narrativa

São cinco elementos fundamentais de uma narrativa:

a) **Personagem:** é o elemento fundamental do texto narrativo. Não há história sem personagem. Em torno do personagem, o narrador constrói o texto. O personagem

pode ser: protagonista (é o personagem principal), antagonista (é aquele que se opõe ao personagem principal) ou secundário (tem menor participação na história).

b) **Enredo ou trama**: é o desenrolar dos acontecimentos da história.

c) **Narrador**: é aquele que conta a história. O narrador pode ser em 1ª pessoa - narrador personagem, ou em 3ª pessoa - narrador observador.

d) **Tempo**: é o período durante o qual acontecem os fatos narrados.

e) **Espaço ou lugar**: é o lugar, o cenário onde se desenrolam os acontecimentos.

## APRENDENDO COM O TEXTO

### 1. LEITURA DO CONTO “A Menina enterrada viva”

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. A menina enterrada viva. 12 ed. São Paulo: Global, 2003, p. 302-303.

Ou uma das seguintes versões:

ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. A madrasta. 3 ed. São Paulo: Landy Editora, 2008, p.82-83.

BRENNAN, Ilan. **As narrativas preferidas de um contador de histórias**. A madrasta. São Paulo: DCL, 2007, p.20-27.

**A madrasta** - Theobaldo Miranda Santos, em:

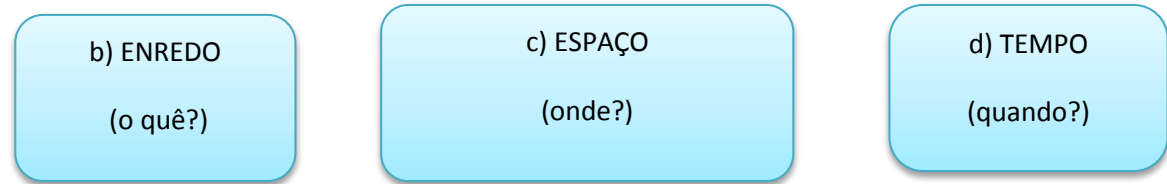
<http://www.consciencia.org/amadrasta-contosdefeiticeiros-e-bruxas>

### 2. APÓS A LEITURA, RESOLVER AS ATIVIDADES:

a) Em geral, num texto narrativo, é apresentada a situação inicial – o local onde acontece a história, a época em que acontece, a apresentação dos personagens. Comente sobre cada um dos itens a seguir.

a) Personagem

(quem?)



b) A história é contada por um narrador que sabe tudo o que acontece e também o que os personagens pensam e sentem? Ou é um narrador que conta a história e também participa dela como personagem? Defina esse narrador. Justifique sua resposta com trecho do conto.

c) Em seguida, acontece um fato que altera a situação inicial; um desequilíbrio, normalmente é um problema que precisa ser resolvido (conflito); e é a partir desse momento que a história começa a prender a atenção do leitor, que quer saber como vai ser resolvido esse conflito. Qual é o conflito desse conto e como ele é resolvido?

d) Finalmente vem o desfecho: a situação se resolve de alguma maneira. Como termina a história? É um final triste ou alegre? Você gostou desse desfecho? Que sugestão de desfecho você daria?

### 3. ATIVIDADE DE LEITURA: **A madrasta Memeia**

SALERNO, Silvana. **Viagem pelo Brasil em 52 histórias**. Ilustrações de Cárcamo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, pp. 72-73.

Salerno escreveu o conto inspirada em “*A madrasta*”, história coletada por Sílvio Romero, em *Contos Populares do Brasil*.

#### **Antes da leitura**

Antes de entregar o texto para os alunos, mobilize o conhecimento dos educandos, apresentando o título do conto: “*A madrasta Memeia*”, *O que sugere esse título? Qual será o tema do conto? E a finalidade dessa narrativa: emocionar, divertir, instruir, informar, aconselhar? Com base no título e na autora, é possível imaginar o lugar, os personagens?*

Mesmo que reproduza o texto para todos, é importante levar para a sala de aula, o livro de onde o texto foi tirado. Assim poderá explorar as características sócio-discursivas desse suporte: identificar o ano de publicação, informações catalográficas, texto de apresentação do livro, informações sobre a autora, objetivos do livro etc.

No decorrer, e após a leitura do conto, é importante conferir as hipóteses levantadas antes da leitura.

## Atividade 8

### Um conto popular e suas versões

**Objetivo:** *Conhecer as diferentes versões de um mesmo conto, coletados por escritores e em épocas diferentes.*

Os contos sempre estiveram, e estão presentes em todas as sociedades; ultrapassam as fronteiras e épocas e sempre vão sofrendo mudanças, são adaptados de acordo com a época, o local e os costumes das pessoas, ganham marcas da cultura de um povo. Mesmo tendo características locais, abordam questões universais, de interesse coletivo.

Por isso, uma mesma história pode ter várias versões, depende de quem conta e das suas intenções, de quem é o ouvinte ou leitor e de onde a história será veiculada. O conto **“O compadre da morte”** é uma história muito popular em vários lugares do mundo: Grã-Bretanha, Portugal, Suécia, África. Também no Brasil, muitos escritores registraram esse conto em suas obras. Essa história pode ser encontrada com títulos variados, por exemplo: *“A comadre morte”*, *“O compadre Bernardo e a comadre Morte”*, *“A morte é o padrinho”*, *“O homem que enxergava a morte”*, *“A visita da comadre morte”*. Há versões em que a Morte é personagem feminino e versões que é masculino, mas a essência é a mesma. Uma criança para batizar, a Morte é a madrinha ou padrinho e ajuda a família da criança e aí começa uma relação de amizade e enganações.

### *Onde encontrar o conto?*



Fonte da autora

1. **“A morte é o padrinho”** em:

COSTA, Flávio Moreira (org.). **Contos Populares do Mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005 pp. 407-410.

2. **“O compadre da morte”** em

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil para jovens**. Ilustrações de Jô Oliveira. São Paulo: Global, 200, p. 120-121.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 12 ed., São Paulo: Global, 2003, p. 312-313.

Obs. O conto que foi coletado por Cascudo é o mesmo registrado nos dois livros. Ele foi contado por João Monteiro, Natal-Rio Grande do Norte. Você encontrará esse conto e muitos outros contos populares no *site* a seguir:

<http://www.jangadabrasil.com.br/novembro27/im27110b.htm>

**Nota de Luiz da Câmara Cascudo**-Há um conto da Baixa-Bretanha, ‘L’Homme Juste’, recolhido por F. M. Luezi, quase idêntico. A morte é o padrinho ( Morte em bretão, *annAnkou*, é masculino) do menino e faz o mesmo negócio com o compadre. Enriquece-o como médico e leva-o para visitar sua casa, mostrando a sala das velas. O médico vê sua vida findando, mas não protesta porque escolheu a Morte para padrinho do filho justamente por ser a mais justa das entidades. Paul Sébillot, “Contes de Provinces de France”, LIV, 264. A representação da vida humana pela vela, lâmpada, é universal. Leo Frobenius registra um conto dos Kabilas, África setentrional, onde as Teriel (feiticeiras antropófagas) têm uma sala com as lâmpadas da vida, “*Histoire de laCivilizationAfricaine*”, tradução de Back e Ermont, 6ª ed., Paris, 1936, XLIV, 263. É o Mt.332 de Aarne-Thompson, *Death as Godfather*, com os elementos Z 111,Z 113, K 557, K 551.1. Conheço as versões portuguesas de Adolfo Coelho, “Comadre Morte”, e a de Consiglieri Pedroso, “A Morte que fez um homem rico”, XLII. O Compadre enganou-a pedindo a vida enquanto rezasse um Padre-Nosso, interminável. Em ambos os contos a Morte finge de homem morto e o compadre, não a reconhecendo, reza o Padre-Nosso e perde a vida.

Alfred Russel Wallace, *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*, tradução de Eugênio Amado, 237/239, Belo Horizonte, 1979, Coleção Reconquista do Brasil, vol. 50, divulga uma versão ouvida na foz do Tocantins em junho de 1852. O amigo e protegido da Morte, para escapar do compromisso de

acompanhá-la em data determinada, raspou-se, pintando-se de escuro, fingindo-se preto velho. A Morte, não o encontrando, resolveu, para não perder oportunidade e tempo, levar justamente o negro velho.

(Transcrição do livro *Contos Tradicionais do Brasil*, pp. 313-314.)



Fonte da autora

4. **“O homem que enxergava a morte”** em

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. 1 ed. São Paulo: editora Ática. 2009, pp. 11 – 20.

Também encontrará outras versões nos sites:

6. **“O compadre da morte”** em

<http://www.consciência.org./contos-populares-antigos-curtos>

7. **“O compadre da morte”** em

<http://www.contosencantar.blogspot.com>

8. **“Comadre morte”** - por Adolfo Coelho-Contos Populares Portugueses em

<http://nead.unama.br>.

9. **“O compadre Bernardo e a comadre Morte”** por António Alexandrino, Contos & Lendas: A arte de encantar na Literatura Portuguesa, em

<http://joraga.net/contos/pags53>



10. “A visita da comadre morte” por Alfred Russel Wallace em <http://www.revistasina.com.br/portal/contos>

Leia o texto: **O COMPADRE DA MORTE**



Fonte da autora

Um homem tinha tantos filhos que não sabia mais a quem convidar para batizar o filho que tinha acabado de nascer. O lugar onde m orava era longe e todos os vizinhos já eram seus compadres. Por isso, resolveu sair à procura de alguém para ser padrinho de seu filho.

No caminho, encontrou uma senhora, já idosa e muito magra, a quem logo fez o convite. Ela disse:

-Eu aceito ser a madrinha de seu filho. Mas você sabe quem eu sou?  
Sou a Morte. Mesmo assim, quer que eu batize o seu filho?

-Ah, claro! Você é sempre justa. Trata a todos igualmente. Seja rico ou pobre. Será uma ótima madrinha.

Chegou o dia do batizado. Todos estavam muito contentes. Após a cerimônia, todos foram à casa da família para o almoço de batizado do Joãozinho.

Na hora do almoço, a Morte disse para o compadre:

- Você me escolheu para ser a madrinha do Joãozinho. Eu fiquei muito feliz com o convite e agora somos compadres. Eu não tenho dinheiro nem terras para presentear o meu afilhado. Mas posso tornar meu compadre um homem rico, e assim, toda a família ficará em boa situação. Tenho algo a propor. Aceita?

- Claro, diga o que é?

- De hoje em diante, você será um grande curador e ganhará muito dinheiro. Espalhe a notícia de que pode curar todo o mal e atenda todos os doentes da região. Quando entrar no quarto do doente e me enxergar, na cabeceira do doente, dê-lhe qualquer chazinho e ele ficará curado. Mas, se eu estiver aos pés da cama, cobre a consulta e vá embora, desenganando o doente.

E assim ele fez. Ficou famoso e rico. Todos acreditavam ser ele um grande curandeiro.

Um dia, numa de suas consultas, em casa de gente muito rica, encontrou uma jovem muito doente e viu a Morte aos pés da cama. O pai implorou que curasse sua filha, em troca o curandeiro ganharia muitas terras e cabeças de gado.

Logo, tratou de pensar numa maneira de se sair bem. Falou para o pai da moça:

- Coloque a moça deitada com a cabeça para onde estão os pés dela, que logo ela vai melhorar.

Dito e feito. Foi só virar a moça na cama que ela começou a dar sinais de melhora. E ele ganhou tudo o que foi prometido pelo pai da jovem.

A Morte ficou muito chateada com a trapaça do compadre, mas não tinha o que fazer. Acordo é acordo. Porém, antes de ir embora, disse ao compadre:

- Dentro de um ano, virei te buscar.

O compadre ficou com a pulga atrás da orelha. Não queria morrer. Ainda tinha muita coisa para fazer.

Passou o tempo, a Morte voltou para cumprir o que prometeu.

- Comadre, antes de me levar, deixe-me rezar um Pai-Nosso para agradecer a Deus por tudo. – Disse o compadre.

- Pode rezar, eu espero! Não estou com muita pressa.

E começou: “Pai-Nosso, que estais no céu zzzzzzzzzzzzzzzzzzzz”. E caiu num sono profundo, pois, de caso pensado, tinha tomado um chá calmante bem forte. O tempo passa. Uma, duas, cinco, dez, vinte horas e nada de acordar. Como a dona Morte tinha outros compromissos agendados, foi embora chateada e mais uma vez enganada.

Dias depois, quando o famoso curador voltava de um atendimento, depara-se com uma mulher morta à beira da estrada. Logo a reconhece. Era a sua comadre Morte. Ficou triste, pois era muito grato a ela. Como de costume, resolveu rezar um Pai-Nosso para a sua comadre.

Quando terminou de rezar, a Morte abre um olho, dá uma piscadinha para a comadre e diz:

- Ah, compadre! Desta vez eu que te enganei. Hoje irás comigo fazer uma longa viagem!

O homem caiu morto. Não teve tempo nem de pensar em ludibriar novamente a amiga.

(Texto escrito por Iraci Knesebeck Fogaça inspirada nas versões populares.)



Fonte da autora

*Professor,*

*A seguir são apresentadas algumas questões envolvendo a capacidade de reconhecer as principais informações do texto, do conteúdo temático, da organização composicional, das marcas linguístico-enunciativas, do contexto de produção.*

### **ATIVIDADES de leitura, interpretação e análise linguística:**

1. Onde este tipo de texto pode ser veiculado?

( ) classificados de um jornal    ( ) livro de folclore    ( ) notícia    ( ) livro de contos

( ) anúncio publicitário    ( ) receita culinária    ( ) filme    ( ) peça teatral    ( ) bula de remédio

2. Há a informação de quando a história aconteceu?
3. Por que o homem convidou a Morte para ser a madrinha da criança?
4. Onde os fatos acontecem? Como é descrito o lugar, logo no início do texto?
5. É possível determinar quanto duraram os fatos da história?
6. Em qual parágrafo são apresentados os personagens?
7. Quais personagens aparecem na história?
8. Quais as características físicas da Morte, de acordo com o texto?
9. Que sinal é usado para indicar as falas dos personagens?
10. Qual foi a resposta da Morte ao convite feito a ela?
11. Qual presente a madrinha deu para a família do afilhado? Por que ela deu esse tipo de presente?
12. Releia o 10º parágrafo. Aí ocorre início do conflito. Como o compadre resolve esse conflito?
13. O compadre enganou a Morte duas vezes.
  - a) Com que objetivo enganou-a pela 1ª vez? O que ele fez para enganá-la?
  - b) Qual foi a reação da morte diante da trapaça do compadre? E o que prometeu a ele?
14. Quando a Morte voltou para cumprir o prometido, foi enganada pela 2ª vez. O que fez o compadre para enganá-la?
15. Finalmente, o compadre foi enganado pela Morte. O que ela fez para conseguir levá-lo?
16. Como podemos caracterizar a Morte, após a leitura do texto?  
( ) bondosa ( ) injusta ( ) honesta ( ) sincera ( ) pontual ( ) malandra
17. Após conhecer a história, como podemos caracterizar o homem?
18. O conto popular não conta um fato marcado com exatidão no tempo. Mas há marcas temporais na história. Destaque do texto expressões relacionadas ao tempo.

19. Relacione as frases de acordo com o tipo de frase:

- |  |                   |
|--|-------------------|
| ( a ) Mesmo assim, quer que eu batize o seu filho. | ( ) declarativa   |
| ( b ) Pode rezar, eu espero.                       | ( ) interrogativa |
| ( c ) Hoje irás comigo fazer uma longa viagem!     | ( ) imperativa    |
| ( d ) Ficou rico e famoso.                         | ( ) exclamativa   |

21. Pinte no texto:

- a) Com lápis *azul*: uma frase interrogativa.
- b) Com lápis *vermelho*: uma frase declarativa negativa.

22. Observe o período:

Quando terminou de rezar, a Morte abre um olho, dá uma piscadinha para a comadre e diz:

- a) Sublinhe os verbos do período.
- b) Cada verbo corresponde a uma oração. Quantas orações há neste período?
- c) **Quando** é uma conjunção subordinativa adverbial de tempo. Reescreva a frase, substituindo a conjunção por outra equivalente ( logo que, depois que, mal, antes que, até que, enquanto):
- d) Copie do texto uma oração com uma conjunção adverbial **temporal**.

23. Em: “Ficou triste, **pois** era muito grato a ela.” Pois é uma conjunção coordenativa explicativa que dá ideia de explicação ligando duas orações. Complete as orações a seguir empregando uma das conjunções explicativas: pois, porque, que:

- a) Não foi para a escola,.....
- b). O ônibus escolar não trouxe os alunos para a escola,.....

24. Observe:

- I. O pai implorou que curasse sua filha.

II. A Morte ficou muito chateada com a trapaça do compadre.

Podemos usar outras palavras para expressar a mesma ideia. São os **sinônimos**. Quais grupos de sinônimos a seguir podem substituir as palavras destacadas em cada frase:

**a) tapeação, patifaria, engano**

**b) aborrecida, importunada**

**c) suplicar, solicitar**

25. Na frase: “O compadre ficou com a pulga atrás da orelha”, há uma expressão popular. Qual? O que ela significa? Dê exemplos de outras expressões populares.

26. Que expressões populares são empregadas para se referir à morte e para dizer que alguém morreu?

27. Explique as características dos contos populares analisando “O compadre da Morte”:

a) Uma pessoa comum tem contato com um ser com poderes sobrenaturais. Como isto acontece na história?

b) Qual benefício é oferecido em razão desse contato?

c) Qual condição é exigida para que esse benefício seja mantido?

28. Os contos populares estão relacionados com a cultura de um povo e procuram levar ensinamentos aos leitores. O conto “O compadre da Morte” consegue esse objetivo?

***Para refletir e responder:***

*Atualmente, as informações circulam cada vez mais através da internet, da TV e de outros meios eletrônicos. Por que é importante resgatar essas histórias da tradição da popular?*

**Atividade 9:****Um, dois, três contos!**

**Objetivo:** *Ler e analisar duas versões de um mesmo conto para depois fazer levantamento das semelhanças e diferenças entre os dois.*

Contos escolhidos:

a) **“O compadre da Morte”** - Luís da Câmara Cascudo

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil para jovens**. São Paulo: Global, 2006. P. 120-121.

b) **“O compadre da Morte”** – Conto Tradicional Português

<http://www.consciência.org./contos-populares-antigos-curtos>

A atividade pode ser feita individualmente, em duplas ou em equipe. Interessante é trabalhar em equipe, para que haja interação entre os alunos.

Entregar a cópia dos textos para cada aluno, a fim que todos possam fazer, primeiramente, a leitura silenciosa, depois a leitura no grupo e, na sequência realizar a atividade.

Cada aluno deverá anotar, no caderno, as semelhanças e as diferenças encontradas pelo grupo. Um aluno do grupo deverá anotar as informações, numa folha, para entregar para o professor.

Após terminarem a atividade, organizar um plenário para que todos os grupos possam expor as semelhanças e diferenças que encontraram junto com os demais colegas da equipe.

O professor poderá fazer o registro no quadro.

**Atividade 10:****Você agora será o escritor!**



**Objetivo:** *Produzir texto de acordo com as características do gênero conto popular.*

Agora é a sua vez! Escreva a sua versão de um conto popular, em 1ª ou 3ª pessoa. Por exemplo, escreva um texto em 3ª pessoa e quem estará narrando é a dona Morte. Pode usar personagens e histórias já conhecidas ou criar o seu conto popular ou adaptar uma história já conhecida para a nossa época. Seja criativo! Use a imaginação! O escritor agora é você!

**Não esqueça! O conto deve apresentar a seguinte estrutura:**

- a) **Situação inicial:** anunciam-se os personagens e o ponto de partida da história.
- b) **Acontecimento perturbador:** há uma perturbação de ordem inicial, um desequilíbrio.
- c) **Desenvolvimento dos fatos:** os fatos se desenvolvem até o momento em que se resolve toda a perturbação.
- d) **Situação final:** restabelece-se a ordem que se tinha no início da história. O final do conto tem sempre um objetivo de ensinamento.

## CIRCULAÇÃO DO GÊNERO

Assim que os alunos finalizarem a produção textual e após as devidas avaliações, cada um poderá ilustrar o seu texto. Depois reúna todos os textos, formando a coletânea de Contos Populares produzidos pelos alunos. Organize-os em forma de livro e, antes de ser finalizado, discuta com a turma a produção de uma capa para o livro: **Contos Populares: histórias de ontem, de hoje e de sempre.**

## CONSIDERAÇÕES

O Discurso como prática social é o conteúdo estruturante que atende a perspectiva de um ensino de linguagem voltado para a prática que se efetiva na interação social – oral e escrita – entre os sujeitos. O uso e o funcionamento da linguagem concretiza-se pelos textos e discursos produzidos em situações enunciativas, ligadas à vida cotidiana e realizadas pelos gêneros que circulam na sociedade. E, é no contato com gêneros discursivos variados, que o aluno poderá alcançar a proficiência leitora e ampliar o domínio dos usos sociais da língua.

Ancorada nessa concepção é que foi elaborada esta Unidade Didática, objetivando promover mudanças no processo de ensino-aprendizagem. No desejo de colaborar com a prática pedagógica, oferecendo embasamento teórico, sugestões de atividades, enfocadas no gênero discursivo contos populares.

São apenas sugestões, pois, sabe-se, que este material pedagógico chegará aos mais diversos contextos, e o professor terá autonomia e liberdade para desenvolver sua prática pedagógica conforme as necessidades linguístico-discursivas dos seus alunos.

Importante é contribuir para a efetivação e o amadurecimento do educando nos domínios discursivos – leitura, oralidade e escrita – para que os alunos possam “a partir de suas leituras e produções de sentidos, tornarem-se cidadãos, compreender, interferir e alterar a sociedade à sua volta, contribuindo para a construção de uma sociedade melhor” (Menegassi, 2005, p.96).

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro e interação**. 6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Cultura da Terra**. São Paulo: Moderna, 2009, pp.39-41.
- \_\_\_\_\_. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares**. Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo07.htm> Acesso em 30/04/2011.
- \_\_\_\_\_. **Elos entre a cultura popular e a literatura**. Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo02.htm> Acesso em 30/04/2011.
- BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Fontes, 2003.
- BRENMAN, Ilan. **As narrativas preferidas de um contador de histórias. A madrasta**. São Paulo: DCL, 2007, p.20-27.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Global, 2003.
- COELHO, Adolfo. **Contos Populares Portugueses**. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/infantil/acoelho> Acesso em 24/04/2011.
- CONTOS DE ENCANTAR. Disponível em <http://contosencantar.blogspot.com/2011/02/o-compadre-da-morte.html> Acesso em 15/03/2011.
- CONTOS DE FEITICEIROS E BRUXAS. Disponível em <http://www.consciencia.org/amadrasta-contosdefeiticeiros-e-bruxas>. Acesso em 02/05/2011.
- <http://www.fabulasecontos.com.br/impressao.php?id=143> Acesso em 20/04/2011.
- CONTOS POPULARES ANTIGOS CURTOS. Disponível em <http://www.consciencia.org/contos-populares-antigos-curtos> Acesso em 14/03/2011.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 2 ed. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2010.

GASPAR, José Rabaça. **Contos e lendas**. Disponível em <http://www.joraga.net/contos/pags/53> (acesso em 10/04/2011)

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GUESSE, Érica Bergamasco, VOLOBUEF, Karin. **O conto Popular: características, sua relação com o mito e um exemplo indígena**. Disponível em <http://www.unioste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed001/cultura> Acesso em 20/02/2011.

GUIMARÃES, Maria Flora. O conto popular. In: BRANDÃO, Helena Nagamine (coord.) **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 5, coord. Geral: Lígia Chiappini).

HILA, Cláudia Valéria Doná. Ressignificando a aula de leitura a partir dos gêneros textuais. In: NASCIMENTO, E. L (Org). **Gêneros Textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. 1 ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2009, p. 151-194.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KAUFMAN, Ana María Erodríguez, María H. **Escola, Leitura e Produção de Textos**. Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LOBISOMEM. Disponíveis em

<http://www.brasilecola.com/folclore/lobisomem.htm>

<http://www.fabulasecontos.com.br/impresao.php?id=143>[http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda\\_lobisomemhtm](http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_lobisomemhtm) Acesso em 14/03/2011.

MARTINS, Georgina da Costa. In: **Ciência hoje das crianças**, ano 13, n. 106. Rio de Janeiro: SBPC, setembro/2000.

MENEGASSI, Renilson José (org.). **Leitura, escrita e gramática no Ensino Fundamental**. Maringá: Eduem, 2010.

\_\_\_\_\_. **Leitura e ensino**. Maringá: Eduem, 2005.

MONTEIRO, João. **O compadre da morte**. Disponível em <http://jangadabrasil.com.br/novembro27/im2711b.htm> Acesso em 29/04/2011.

O CONTO POPULAR. Disponível em <http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=3936> Acesso em 23/03/2011.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná**. Curitiba: SEED, 2008.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Letramento Literário: começando pelo gênero conto popular**. Disponível em

[http://www.ucs.br/ucs/tplsiget/extencao/agenda;eventos/vsiget/portugues/anais/texto\\_sautor/arquivos/letramentoliterario](http://www.ucs.br/ucs/tplsiget/extencao/agenda;eventos/vsiget/portugues/anais/texto_sautor/arquivos/letramentoliterario) Acesso em 20/02/2011.

RIOLFI, Cláudia [et al.] **Ensino da Língua Portuguesa**. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

ROMERO, Silvio (org.) **Contos Populares do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Landy Editora, 2008, pp.82-83.

ROSSI, Maria Ap. G. Lopes (org.) **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

SALERNO, Silvana. **Viagem pelo Brasil em 52 histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

SAMIR, Meserani. **Os incríveis seres fantásticos**. São Paulo: FTD, 1993, p.23.

SCLIAR, Moacyr e autores. **Era uma vez um conto**. Companhia das Letrinhas: São Paulo, 2002, pp. 5-9.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica**. 2 ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SIMONSEN, Michèle. **O conto popular**. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1 ed brasileira 1987.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VOLOBUEF, Karin. **Os Irmãos Grimm e a coleta de Contos Populares de Língua Portuguesa**. UNESP- Araraquara, Departamento de Letras Modernas. Disponível em [http://www.pocadegoethe.com.br/irmãos\\_grimm\\_karin.pdf](http://www.pocadegoethe.com.br/irmãos_grimm_karin.pdf) Acesso em 10/02/2011.

WALLACE, Alfred Russel. **A visita da comadre morte**. Disponível em <http://www.revistasina.com.br/portal/contos/item123-a-visitada-comadre-morte?tmp> Acesso em 12/04/2011.